



## A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES EM DOIS ROMANCES DO SÉCULO XIX: UM ESTUDO COMPARATIVO

Fernanda Oliveira de Goes Borges

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo o estudo de dois romances da literatura brasileira do século XIX, especificamente com a análise da representação da mulher escrava nas obras *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicada em 1875, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicada em 1890, com um estudo comparativo entre as personagens Isaura e Bertoleza. Como suporte a esta análise, utilizaremos autores como Antônio Cândido (2004) e Freire (2015), acerca da crítica literária sobre os romances, Leandro Narloch (2017) e Jessé de Souza (2017), que compõem o contexto histórico de produção das obras, narrando relatos reais de escravos, e Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (2007) para discutirmos o conceito de representação, entre outros autores. Como buscamos demonstrar, embora ambas as personagens sejam escravas, há diferenças consideráveis em seus percursos e elas sofrem de maneiras diversas os efeitos da escravidão.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Mulheres escravas; Romance Brasileiro; Bernardo Guimarães; Aluísio Azevedo.

### RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo estudiar dos romances de la literatura brasileña del siglo XIX, analizando específicamente la representación de las mujeres esclavas en las obras *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicada en 1875, y *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado en 1890, con un estudio comparativo entre los personajes Isaura y Bertoleza. Para apoyar este análisis, utilizaremos autores como Antônio Cândido (2004) y Freire (2015), sobre la crítica literaria sobre los romances, Leandro Narloch (2017) y Jessé de Souza (2017), que componen el contexto histórico de la producción de las obras, narrando relatos reales de esclavos, y Carlos Reis y Ana Cristina M. Lopes (2007) para discutir el concepto de representación, entre otros autores. Como intentamos demostrar, aunque ambos personajes son esclavas, existen diferencias considerables en sus trayectorias y sufren de diversas maneras los efectos de la esclavitud.

**Palabras clave:** Literatura Brasileña; Mujeres esclavas; Romance Brasileño; Bernardo Guimarães; Aluísio Azevedo.

**Fernanda Oliveira de Goes Borges** é graduanda do curso de Letras do câmpus de Aquidauana da UFMS.

E-mail: fernandaoliveira199812@gmail.com



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo o estudo de dois romances da literatura brasileira do século XIX, visando especificamente a análise da representação da mulher escrava nas obras *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1875, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado em 1890. A partir desse tema, buscamos fazer um estudo comparativo entre as personagens Isaura e Bertoleza, analisando as principais diferenças e semelhanças entre essas personagens.

Pode-se afirmar que no Brasil o racismo é uma das consequências de uma herança histórica que carregamos, a escravidão, que deixou profundas sequelas na sociedade, as quais persistem até a atualidade, tais como as marcas de autoritarismo e preconceito de cor. A escravidão foi um período de grande violência, durante o qual foram trazidos milhões de africanos para serem escravos, a maioria vindos do Congo e de Angola. Nessa época, o tráfico negreiro era o comércio que mais dava lucro para a colônia e assim o trabalho escravo era extremo e os negros eram expostos a condições desumanas e precárias (FLORENTINO, 1995, p.25).

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, entretanto, ainda assim, existem lugares em que o trabalho considerado escravo persiste, tendo ainda relatos e denúncias da escravidão moderna no país. Esse aspecto mostra bem como na atualidade ainda há um enraizamento profundo na nossa cultura de marcas deixadas pela escravidão. Além disso, todos os dados de pesquisa mostram uma enorme desigualdade entre brancos e negros (LIMA, 2018, p.2).

Considerando esse passado e projetando-o sobre a literatura, podemos dizer que esses dois romances da literatura brasileira do século XIX são emblemáticos para uma análise sobre a representação do tema, já que ambos trazem

mulheres escravizadas, mas em situações bem diferentes, como poderemos ver.

No primeiro romance, Isaura é uma escrava mestiça, que poderia passar por uma moça liberta e é criada como tal, incorporando em sua formação as prendas esperadas das mulheres da sociedade. No entanto, em certo momento, sua condição de escrava irá aflorar e a personagem sofrerá as consequências disso.

Na segunda obra, publicada já em um contexto histórico distinto do primeiro, Bertoleza tem uma condição bem diferente da de Isaura, pois é uma escrava que paga aluguel de si mesma ao dono, por conta de seu trabalho com venda de comida, e juntava dinheiro para comprar sua alforria. Em certo momento, Bertoleza conhece um aventureiro, João Romão, que promete ajudá-la a se libertar, e associa-se com ele.

Embora diferentes em muitos aspectos, esses percursos também têm semelhanças que nos propomos a analisar mais detidamente neste trabalho.

Dessa forma, analisando as personagens escravas Bertoleza, de *O cortiço*, e Isaura de *A Escrava Isaura*, pretendemos investigar de que maneira se configura a representação das mulheres escravizadas, pois podemos adiantar que a cor da pele de cada uma delas é uma das diferenças importantes nos dois percursos, como falamos antes.

No entanto, ainda que apresentem essas diferenças de cor, podemos afirmar também que as duas possuem características em comum como mulheres escravas, que se apresentam nas duas obras selecionadas sob a forma das relações de mando exercidas pelos seus senhores e configuram a mulher como um objeto de exploração do trabalho, tais como os homens escravizados, mas também se configuram como objeto sexual para seus senhores, o que é uma diferença importante em relação àqueles. A análise do percurso dessas mulheres escravas presentes na literatura



brasileira do século XIX permite-nos refletir também sobre as principais heranças deixadas na sociedade pela escravidão até a atualidade.

Sendo assim, pretendemos demonstrar que as personagens a serem abordadas, apresentam especificidades de percurso nos dois romances, que foram produzidos em momentos históricos diferentes, com semelhanças e diferenças em suas configurações.

## 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este trabalho apresenta como tema a discussão sobre a representação das mulheres escravas na Literatura Brasileira do século XIX, nas obras de Bernardo Guimarães e de Aluísio Azevedo. Sendo assim, para o corpus de análise selecionamos dois romances: *A Escrava Isaura*, publicada em 1875, e *O Cortiço*, publicada em 1890, dos respectivos autores.

Um primeiro conceito importante para as análises a serem realizadas mais adiante é o de *representação* e, para a discussão sobre esse aspecto na literatura, comentaremos a seguir o texto de Anderson Luís Nunes da Mata, “Representação e responsabilidade na narrativa brasileira contemporânea” (2011). Se muitos utilizam o verbo “retratar” para comentar a relação da literatura com a realidade, a partir dos autores citados podemos afirmar que “representar”, embora também tenha ambiguidades, é mais adequado, pois a representação nunca é fiel à realidade, já que a linguagem sempre é a mediadora entre essas duas instâncias. Conforme Mata (2011, p.17)

(...) o autor, dono de uma perspectiva social própria que norteia e limita seu processo criativo, recria a perspectiva social de seus narradores, e estes as de seus personagens. Sempre com a figura do escritor por trás, o que temos são relatos de vozes diversas,

portadoras de perspectivas sociais definidas nos próprios textos, que, juntamente com o mundo referencial, comporão a base dos elementos que o leitor terá para organizá-las (MATA, 2011, p.20).

Portanto, se o mundo referencial é reapresentado no texto, isso acontece pela perspectiva do autor e nas circunstâncias próprias do sistema narrativo. Assim, qualquer que seja a situação que tenha por base o real, este é recriado na narrativa de acordo com a perspectiva de quem a criou, passando por um filtro pessoal, portanto, marcado pela ideologia do criador, a qual se projeta no enredo.

Para compor o contexto histórico de produção dos romances, é importante também recorrer a referências sobre a condição das escravas. Para a análise sobre a representação do tema escravidão na literatura brasileira e a condição da mulher escrava no século XIX, além da projeção do tema da condição da mulher negra na sociedade atual, recorreremos ao trabalho de Leandro Narloch, em sua obra *Achados e perdidos da História: escravos* (2017), que recupera a história de várias mulheres que sofreram com a escravidão, afirmando fatos terríveis de uma época de dor e sofrimento, mas também algumas histórias surpreendentes, em que escravas reagem ou mesmo vencem as condições em que estão.

Uma das histórias contadas no livro é que em pleno século XIX havia mulheres negras mais ricas que muitas mulheres brancas. Escravas que pagaram sua liberdade e aos poucos com vendas, como quitandeiras, vendendo nas ruas, e assim prosperaram e cresceram economicamente, tornando – se a segunda classe mais rica da época, perdendo apenas para os homens brancos. Houve outras escravas que, por meio da relação de intimidade que tinham com seus donos, ganharam a liberdade e a herança. Os historiadores contam que as chamadas “sinhas pretas” despertavam vergonha nas mulheres brancas, pois eram mulheres negras, ex-escravas que tinham



muitas joias, dinheiro e escravos (NARLOCH, 2017, p.114). Encontramos aí uma semelhança com parte do percurso da personagem Bertoleza, em *O Cortiço*, que buscava sua liberdade trabalhando de domingo a domingo, juntando dinheiro para comprar sua carta de alforria e assim ser livre como essas outras escravas reais.

Por outro lado, Jessé de Souza, na obra *A elite do atraso: da escravidão à lava jato* (2017), nos traz um panorama histórico da sociedade brasileira desde a escravidão até os dias atuais. O autor discorre sobre o descaso que existe até hoje em relação às pessoas negras, que foram libertadas da escravidão no século XIX, mas ainda são as maiores vítimas da desigualdade social do país, em geral empregados em funções de baixos salários e trabalhos pesados, além de serem as maiores vítimas de violências. Segundo Jessé de Souza, as mulheres que eram crias e amas de leite da casa-grande hoje passam a ser empregadas domésticas. O autor afirma também que, neste aspecto, o Brasil pouco mudou este cenário, de discriminação e perseguição ao negro, sendo que a sociedade moderna tenta mascarar essa situação (SOUZA, 2017, p.80). Como cita o autor no trecho abaixo, percebemos que os aspectos decorrentes do preconceito de cor, de classe e o racismo comprometem ainda a estrutura social e perpetua-se em uma sociedade excludente, desde a escravidão:

“Mais ainda. Como a produção da desigualdade de classe desde o berço é reprimida tanto consciente quanto inconscientemente, é o estereótipo do negro, facilmente reconhecível, que identifica de modo fácil o inimigo a ser abatido e explorado. “O perigo negro” usado como senha para massacrar indefesos e quilombolas durante séculos é continuado com outros meios no massacre aberto, e hoje aplaudido sem pejo, de pobres e negros em favelas e presídios. Ainda mais um ponto. Como houve continuidade sem quebra temporal entre a escravidão, que destrói a

alma por dentro e humilha e rebaixa o sujeito, tornando-o cúmplice da própria dominação, e a produção de uma ralé de inadaptados ao mundo moderno, nossos excluídos herdaram, sem solução de continuidade, todo o ódio e o desprezo covarde pelos mais frágeis e com menos capacidade de se defender (SOUZA, 2017, p.83).

Por outro lado, sobre a crítica literária acerca dos romances analisados, foram importantes ensaios de Antonio Candido, tais como “De Cortiço a Cortiço” (2004), no qual o autor faz uma análise da obra sobre as características naturalistas presentes na obra de Aluísio de Azevedo. Candido (2004), destaca que na obra aparece a exploração do ser humano, que é rebaixado a um nível de animal “utilitário” e utilizado como “besta de carga”, como acontece com Bertoleza:

E sobretudo que a descrição das relações de trabalho revela um nível mais grave de animalização, que transcende essa redução naturalista, pois é a própria redução do homem à condição de besta de carga, explorada para formar o capital dos outros. (CANDIDO, 2004, p.117).

Desse modo, mostra o crescimento de João Romão, as custas de Bertoleza, explorada para que o taverneiro conseguisse capital e um posto na sociedade. No entanto, Bertoleza, embora vítima de todas as artimanhas de João Romão, consegue sua fuga.

## 2 DIFERENTES FORMAS DE SER ESCRAVA

Analisando as semelhanças e diferenças na representação das mulheres escravizadas, Isaura e Bertoleza, personagens da Literatura Brasileira do século XIX, percebemos que embora as duas sejam mulheres escravizadas, ambas se distinguem quanto à cor da pele, o que possibilita que tenham trajetórias distintas, pois naquela época a sociedade valorizava muito esse aspecto, o que se transformava em uma diferença para que a pessoa fosse aceita.



Neste panorama, podemos considerar que até nos dias atuais vemos a valorização da cor da pele presente na sociedade brasileira, que privilegia as pessoas de cor branca, o que é fruto da herança de um fator histórico vivido pelo Brasil, a escravidão, que deixou profundas marcas na sociedade brasileira, as quais se refletem até hoje no cotidiano de milhares de brasileiros, principalmente de mulheres negras, estatisticamente as maiores vítimas de violências físicas e psicológicas.

As mulheres escravas representadas nos romances selecionados, mostram o sofrimento de milhares de mulheres que viviam nas condições da escravidão, sofrendo com o poder patriarcal exercido pelos seus senhores, com a submissão, a objetificação, a exploração e as relações de dominação claramente definidas pelo sistema. Mulheres que tiveram seus corpos e mentes violentados, que refletem até hoje em nossa sociedade a violência contra o gênero feminino, principalmente por mulheres negras, que assim como na escravidão tiveram seus direitos de viver inexistente.

Nesse sentido, diferentemente de Bertoleza, a personagem Isaura, era uma escrava branca, fruto de um relacionamento entre uma escrava e um português, sendo assim, uma mestiça. Isaura foi criada por sua senhora até antes desta falecer, recebendo boa educação, convivendo na casa grande, exercendo apenas tarefas domésticas. Isaura, assim, usufruía de algumas condições privilegiadas, se comparada com outras escravas que viviam na fazenda. Porém, Isaura nunca esquecia da condição em que vivia, já que era apenas uma escrava e que, apesar da sua cor destoar dos demais escravos da fazenda, não possuía a liberdade.

Apresenta-se em um ensaio presente no livro *A Escrava Isaura*, de Maria Nazareth Soares Fonseca, o seguinte trecho: “A sociedade brasileira que, no século XIX, tanto se condeou das desventuras de Isaura, aceitou-a porque ela

era branca e educada.” (FONSECA, 1998, p.6). O trecho é importante pois mostra que, para ser uma protagonista de um romance dessa época, uma escrava como Isaura não poderia ser negra, tal como suas companheiras de condição.

Vemos, dessa forma, que a cor da pele e a instrução são fundamentais para que Isaura possa ter o destaque de estar no centro dessa narrativa.

Por outro lado, a relação de dominação é exercida pela figura de Leôncio, aparece em diversos trechos da obra, pois ele é um homem rude, que herdou Isaura após a morte de sua mãe, ficando a escrava como sua propriedade, do que dá a ele a oportunidade de exercer seu poder sobre a moça, como ele declara em uma conversa com ela:

E, entretanto, se te mostrasses mais branda comigo, mas não, é muito aviltar-me diante de uma escrava; que necessidade tenho eu de pedir aquilo que de direito me pertence? Lembra-te, escrava ingrata e rebelde, que em corpo e alma me pertences, a mim só e a mais ninguém. (GUIMARÃES, 1988, p.35)

No trecho acima, se as características que diferenciam Isaura são tacitamente consideradas, quase como se ela fosse uma donzela da sociedade, aflora também o argumento final, que é o direito de propriedade, afinal os escravos eram bens que se herdava. Porém, Leôncio vai mais fundo, exigindo até mesmo o coração, o afeto de Isaura.

Já em relação a *O Cortiço*, o personagem João Romão representa o poder do homem branco, exercido sobre a escrava Bertoleza, mas de maneira sutil no princípio da relação que se estabelece entre os dois. João Romão é um comerciante português, que fazia de tudo para ascender socialmente e possuir riquezas, trabalhando incessantemente, mas, na prática, um aventureiro que não mede escrúpulos para atingir seus objetivos. No percurso de ascensão, o personagem utiliza Bertoleza como





objeto de exploração, enriquecendo às custas da escrava.

A escrava Bertoleza, apesar do trabalho pesado e das economias que pagava o aluguel de si mesma a seu dono e ainda conseguia juntar economias para comprar sua alforria, era uma mulher frágil e vulnerável por sua condição. João Romão se aproveitou da ingenuidade e da falta de instrução dela para persuadir e manipular a mulher a ser sua companheira, ganhando a confiança de Bertoleza, criando um laço afetivo com a escrava. Assim, se tinha uma chance de, no futuro, conseguir a liberdade, ao associar-se com João Romão, Bertoleza tornou-se prisioneira de seus próprios sentimentos (FREIRE, 2015, p.17).

Ainda no começo da relação entre os dois, João Romão forjou uma carta de alforria para Bertoleza, fazendo com que a escrava acreditasse que estava liberta, aproveitando de sua fragilidade depois de ter perdido seu último companheiro, apenas com o intuito de aproveitar-se das economias dela. No trecho abaixo, próximo ao desfecho do romance, o narrador mostra como Bertoleza foi utilizada até o último suor por João Romão: “Ah! Agora não me enxerga! Agora eu não presto para nada! Porém, quando você precisou de mim lhe ficava mal servir-se de meu corpo e aguentar a sua casa com o meu trabalho!” (AZEVEDO, 1895, p. 196)

Ao final, depois do personagem ter alcançado tudo que queria, faltava um casamento com a filha de Miranda, um vizinho que morava num palacete e gozava de um *status* social bem mais elevado., Para isso, João Romão precisava se livrar de Bertoleza, já que, a essa altura, a escrava não lhe servia para mais nada, segundo a ótica do personagem. Fica claro que, se a mulher negra, escrava, nesse caso, satisfazia o personagem sexualmente e servia para burro de carga, só a mulher branca

servia para casar, com afirma Antonio Candido no ensaio citado anteriormente (2004).

O narrador deixa explícita a função exercida por Bertoleza “para o português Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo [...]” (AZEVEDO, 2005, p.221).

Antonio Candido sintetiza a situação de João Romão no seguinte trecho:

O Cortiço narra com efeito a ascensão do taverneiro português João Romão, começando pela exploração de uma escrava fugida que usou como amante e besta de carga, fingindo tê-la alforriado, e que se mata quando ele a vai devolver ao dono, pois, uma vez enriquecido, precisa liquidar os hábitos do passado para assumir as marcas da posição nova (CANDIDO, 2004, p.113).

Analisando a trajetória de Bertoleza, vemos que, apesar de sua condição de escrava, ela ainda possuía uma certa independência, pois vendia nas ruas suas quitandas, era lavadeira e entre outras funções, Bertoleza trabalhava de domingo a domingo juntando dinheiro para comprar sua própria liberdade. Esse era o percurso de muitas escravas na época que, ao contrário do que muitos acreditam, poderiam conseguir uma certa mobilidade social, já que algumas dessas mulheres conseguiam comprar sua liberdade, adquiriam ouro, joias e escravos. Como dissemos antes, eram consideradas a segunda classe mais rica da época, perdendo apenas para os homens brancos ricos, e se configuravam como as chamadas “sinhás pretas”, enriquecendo por méritos próprios. Muitas eram chamadas de “negras do tabuleiro ou negras quitadeiras”, que saíam pela cidade vendendo produtos com as cestas na cabeça (NARLOCK, 2016, p.117).

Entretanto, ao analisarmos as contraposições e principais distinções entre as duas personagens em análise, destacamos aqui a cor da pele. Por um lado, temos Isaura, uma



escrava mestiça, considerada branca e que recebeu uma educação esmerada, tal como uma sinhazinha branca, e, por outro lado, Bertoleza, uma negra cafuza, que trabalhava duro nas quitandas e pagava aluguel de si mesma ao dono. possuíam vidas distintas apesar das duas viverem nas condições da escravidão. De um lado, podemos inferir que Isaura só recebeu a esmerada educação e tratamento devido à cor de sua pele, pois, podemos especular, tendo em vista a situação de outras escravas negras presentes no romance, se fosse negra teria a mesma condição que as demais escravas. Como no trecho abaixo, o narrador apresenta o tratamento recebido por Isaura:

À medida que a menina foi crescendo e entrando em idade de aprender, foi-lhe ela mesma ensinando a ler e escrever, a coser e a rezar. Mais tarde procurou-lhe também mestres de música, de dança, de italiano, de francês, de desenho, comprou-lhe livros, e empenhou-se enfim em dar à menina a mais esmerada e fina educação. (GUIMARÃES, 1988, p.19)

O narrador mostra nesse trecho, a educação que Isaura recebeu de sua senhora, preparando-a com as prendas necessárias, para depois libertá-la e prepará-la para um casamento, trajetória comum das moças livres da época. No entanto, Isaura não teria totalmente sua liberdade, já que futuramente estaria destinada a um casamento, em que ainda continuaria uma mulher submissa, condição comum na época, pois a maior parte dos casamentos eram preparados sem sentimentos algum, como foi o casamento de seu senhor Leôncio com a Malvina.

Em oposição, Bertoleza tinha um tratamento totalmente diferente, como expõe o próprio narrador de *O Cortiço* que mostra, ele mesmo, um certo asco pela figura da escrava: “Não obstante, ao lado dele a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor

com cebola crua e gordura podre.” (AZEVEDO, 2005, p. 104). Bertoleza é, como se pode ver, uma mulher humilhada e animalizada pelo próprio narrador, que sempre se refere a ela relacionando-a com características de animais de carga, tal como neste trecho: “E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue” (AZEVEDO, 2005, p. 207).

Nesse sentido, as características de Isaura eram sempre exaltadas, especialmente a valorização do refinamento estético, a beleza de seus cabelos, sua pele, seus olhos, tal como no trecho a seguir:

“És muito mimosa e muito linda para ficares por muito tempo no cativo; alguém impreterivelmente virá arrancar-te dele, e se hás de cair nas mãos de algum desconhecido, que não saberá dar-te o devido apreço, seja eu, minha Isaura, seja o irmão de sua senhora, que de escrava te haja de fazer uma princesa...” (GUIMARÃES, 1988, p.24)

Isaura era desejada por vários homens, chamava muita atenção pelas suas características físicas, sempre referida pelo narrador pelos seus aspectos angelicais.

Diferentemente podemos citar Rita Baiana, personagem mulata de *O Cortiço*, no qual o narrador a caracterizava ressaltando seus aspectos físicos, sempre no sentido mais sexual e sensual. É certo que *O Cortiço* já foi publicado em contexto histórico já bem distinto de *A escrava Isaura*, mas podemos inferir do tratamento dado a essas personagens que a mulher negra e mulata servia para o prazer sexual dos homens, enquanto as mulheres de pele clara seriam mulheres para o casamento

Na época escravocrata, era comum muitos dos senhores terem relações com escravas fora do casamento, e muitas vezes elas eram violentadas sexualmente para satisfação pessoal, como afirma NARLOCH (2016, p.126).

As personagens Isaura e Bertoleza tiveram finais bem distintos, pois Isaura conseguiu sua



liberdade, casando-se e tendo um final feliz, enquanto Bertoleza se suicidou, desiludida e sem esperanças de ser livre, sendo a morte a fuga possível daquela vida sofrida.

No regime escravocrata, era muito comum o suicídio entre os escravos, pois, além de abalados psicologicamente, eram sujeitos a diversos tipos de tortura e trabalhos extremos assim como também havia muitas mortes por assassinato por parte dos senhores. Nesse último caso, os senhores que matavam escravos, em geral, forjavam para que parecesse um suicídio e assim não eram penalizados por isso. Conforme Leandro Narloch, diversos boa parcela dos registros de suicídios documentados foram assassinatos (NARLOCH, 2016, p.104).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as semelhanças e diferenças nas trajetórias das duas escravas personagens dos romances selecionados para este estudo, podemos concluir que ambas as mulheres, Isaura e Bertoleza, pelos sofrimentos que seus donos lhes impingiram, de certa forma ainda se projetam na realidade da sociedade brasileira atualmente, especialmente considerando a principal diferença das duas quanto à cor da pele e, conseqüentemente, com as formas de tratamento.

Como vimos, lembrar o contexto histórico de produção das duas obras é importante para as análises. *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, foi publicada em 1875, uma época em que circulavam no país ideias abolicionistas, defendidas, por exemplo, pelo personagem Álvaro, que usava esse discurso para reclamar a liberdade de sua amada Isaura. Essa obra foi publicada treze anos antes da Lei áurea entrar em vigor e demonstra várias características da sociedade da época, em que muitas pessoas bem situadas na sociedade da época não aprovavam a abolição da

escravatura, pois dependiam dela para manter seu padrão de vida.

Já *O Cortiço*, publicado em 1890, depois de entrar em vigor a Lei Áurea, é marcado pelo crescimento urbano, pela consolidação do poder da burguesia e o crescimento do proletariado. Embora a ação se passe nos anos finais da escravidão, os efeitos desse sistema cruel eram bem claros na sociedade, como vimos em relação à personagem Bertoleza. Apesar disso, Bertoleza gozava de uma certa independência, vendia suas quitandas e mercadorias para comprar sua liberdade, porém perde essa independência quando se junta ao aventureiro João Romão, trabalhando incessantemente para o crescimento econômico e social do companheiro, sem saber que ele tentaria se desfazer dela assim que visse a possibilidade de fazer um bom casamento para os padrões daquela sociedade e ocupar um lugar de prestígio.

Analisando a principal distinção entre essas duas mulheres escravizadas, concluímos que a cor da pele faz toda diferença em uma sociedade que escraviza os negros. Como vimos, as duas personagens têm finais totalmente distintos, pois Bertoleza, sem esperanças de conseguir a almejada alforria, encontra sua única saída de fuga em um ato desesperado, o suicídio. Em oposição a Bertoleza, Isaura consegue sua liberdade como escrava, mas não poderia escapar de sua condição futura de esposa submissa, como era de se esperar naquela época. Ela fora preparada justamente para isso por sua senhora, com uma educação que se esperava de uma moça da sociedade.

Como pudemos ver pela análise dessas duas personagens de romances do século XIX, a literatura tem muito a dizer sobre as condições atuais das mulheres, especialmente das mulheres negras, que herdaram os efeitos cruéis do longo período em que escravidão existiu no país.





## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **Aluísio Azevedo/seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Antônio Dimas**. São Paulo: Abril Educação, 1980. (Literatura comentada)

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Editora Ática. 36ª edição – 8ª reimpressão. 2005

CANDIDO, Antonio. **De cortiço a cortiço**. In: O discurso e a cidade. São Paulo/Rio de Janeiro: Dias Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

FLORENTINO, Manolo Garcia. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre África e o Rio de Janeiro** (século XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995)

FREIRE, J. A. T. **Habitantes das fronteiras: ‘crias da casa’ na literatura brasileira**. In: Olhares sobre o marginal. 1ª ed. Jundiá: Paco Editorial, 2015, v. 1, p. 159-179.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. Editora Ática, São Paulo: 1988.

LIMA, José Antônio. **Onde a escravidão persiste**. Carta Capital, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/onde-a-escravidao-persiste>. Acesso em: 16 mai. 2018.

MATA, A. L. N. **Representação e responsabilidade na narrativa brasileira contemporânea**. In: Regina Dalcastagnè e Paulo C. Thomaz. (Org.). Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea. 1ed. Vinhedo: Horizonte, 2011, v. 1, p. 15-39.

NARLOCH, Leandro. **Achados e perdidos da História: escravos**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 7ª. Coimbra: Almedina, 2007.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à lava jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

### Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

BORGES, F. O. G. A representação das mulheres em dois romances do século XIX: um estudo comparativo. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 1, p. 117-125, 2020.